

O Refrear a Língua e a Verdadeira Sabedoria

PALAVRAS SÃO INDICADORES DO CARÁTER (3:1–12)

O segundo capítulo de Tiago termina concluindo que o corpo sem o espírito é morto, assim como a fé sem obras é morta. O terceiro capítulo começa mencionando os que ensinam, e depois lança advertências sobre o uso indevido do poder da palavra. Talvez Tiago tenha disposto seus pensamentos aleatoriamente. Talvez não haja progressão nem conexão enquanto ele migra de um assunto para assunto. Se houver uma progressão, é provável que isso afete a mensagem que o autor queria transmitir. À primeira vista, a ligação entre os capítulos 2 e 3 e 1 e 2 parece pequena ou até inexistente. Um exame mais minucioso revela que o pensamento exposto no fim do capítulo 1, de fato, conduz ao tema abordado no capítulo 2.

As ações são a consequência natural da fé, e uma das ações humanas é falar. Entre outras obras que acompanham a fé estão as palavras do cristão, ou seja, aquilo que ele diz. A fé de quem está em Cristo se traduz na maneira como ele usa a língua. Na fala, assim como na ajuda aos pobres, a fé sem obras é morta quando está sozinha. As palavras podem e muitas vezes machucam as pessoas. O cristão que diz com orgulho: “Só digo o que penso”, está se gabando da coisa errada. Não é virtude dizer o que se pensa – pelo menos não, quando não se leva em conta o impacto que as palavras podem exercer. Palavras ditas sem reflexão e sem moderação criam atritos entre amigos, semeiam dúvidas e suspeitas e dividem famílias em campos de guerra.

Os leitores de Tiago enfrentavam vários tipos de provações (1:2, 3). Algumas provações vinham da parte de incrédulos. Entre os incrédulos havia ricos que os arrastavam perante os tribunais (2:6).

As igrejas passavam por provações nem sempre relacionadas a perseguições de não crentes. Algumas contendas surgiam entre os próprios membros. Línguas desenfreadas resultavam em palavras inconsequentes e até odiosas. As palavras podem ser, e muitas vezes são, a origem de severas provações. Anteriormente, Tiago havia questionado a qualidade da religião de quem não refreia a própria língua (1:26). Agora, ele estava pronto para discorrer acerca dos malefícios desse pequeno órgão. Falar sem o menor cuidado provoca infecção no corpo por questões “terrena, animal e demoníaca” (3:15). Quer resulte em benefícios ou malefícios, o que se diz é um ato. Fica evidente que o assunto no fim do capítulo 2 flui suavemente para as admoestações e reprovações do capítulo 3. Ao mesmo tempo, 3:1—4:12 constitui uma unidade distinta da epístola sutilmente conectada pelo tema da dissensão dentro do corpo.

Perfeição É Controlar a Língua (3:1–5)

¹Meus irmãos, no vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo. ²Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo. ³Ora, se pomos freio na boca dos cavalos, para nos obedecerem, também lhes dirigimos o corpo inteiro. ⁴Observai, igualmente, os navios que, sendo tão grandes e batidos de ríjos ventos, por um pequeníssimo leme são dirigidos para onde queira o impulso do timoneiro. ⁵Assim, também a língua, pequeno órgão, se gaba de grandes coisas. Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!

Versículo 1. Mesmo tendo boas razões para

concluir que as admoestações de Tiago a respeito da fé e das obras conduzem e até mesmo introduzem suas exortações ao uso e mau uso da língua, a inserção de um comentário sobre os mestres parece fora de lugar. A advertência de Tiago de que qualquer pessoa que assuma o papel de mestre deve fazê-lo com cautela e autoexame é ainda mais surpreendente, quando consideramos que o ensino é um aspecto central da missão cristã.

As palavras “pregador” e “mestre” ou professor podem não ser exatamente sinônimas, mas as atividades de pregar e ensinar geralmente são exercidas pela mesma pessoa. Mestre e ensino constam em todo o Novo Testamento. Vejamos a família de palavras compostas por essa mesma raiz ou radical: διδακτικός (*didaktikos*) é um adjetivo que significa “apto para ensinar” (1 Timóteo 3:2; 2 Timóteo 2:24); διδακτός (*didaktos*) aparece como adjetivo verbal nas expressões “ensinados por Deus” (João 6:45) e “ensinadas pelo Espírito” (1 Coríntios 2:13). O substantivo διδάσκαλος (*didaskalos*, “mestre”) e o verbo διδάσκω (*didaskō*, “ensinar”) estão entre os termos mais comuns no Novo Testamento. Outro substantivo dessa família designa em que consiste o ensino (διδαχή, *didache*).

Nos Relatos do Evangelho, os discípulos costumavam se reportavar a Jesus como “Mestre”. Nicodemos chamou o Senhor de “Rabi” e depois disse que ele era “Mestre” vindo da parte de Deus (João 3:2). Do alto de uma montanha na Galileia, Jesus ordenou aos onze apóstolos restantes que fizessem discípulos e ensinassem (Mateus 28:19, 20). Deus designou mestres para a igreja (1 Coríntios 12:28; Efésios 4:11). Diante de toda essa ênfase e muito mais, Tiago escreveu: **não vos tornais, muitos de vós, mestres.** Por que ele escreveu essa advertência?

Tiago não se explicou diretamente, mas o contexto nos fornece algumas pistas. Entre as igrejas a que Tiago endereçou sua carta, tinha acontecido sérias dissensões internas. Parece que “inveja amargurada” e “sentimento faccioso” estavam corroendo a unidade do corpo (3:14). O autor, sem dúvida, usou aqui uma hipérbole, mas mesmo assim as palavras “guerras”, “contendas”, “lutar” e “matais” (4:1, 2) indicam a gravidade dos problemas internos. O comentário do autor sobre os mestres em 3:1 é compreensível, se a rivalidade entre os mestres estiver por trás dessas muitas dissensões. Talvez Tiago quisesse abordar o assunto com delicadeza. Ele não acusou imediatamente os mestres

de gerar conflitos e inveja amargurada, como pode ter feito em 4:1 e 2. Em vez disso, ele se dirigiu a eles superficialmente. Tiago disse o suficiente para que os transgressores se identificassem com suas acusações. Os mestres, daqueles dias e de hoje, devem entender que são responsáveis pelo que ensinam e como ensinam. Depois de se reportar aos mestres transgressores em 3:1, Tiago fez uma generalização, voltando-se para os abusos da língua que eram comuns.

No mundo de Tiago, especialmente entre os judeus, os mestres eram mui respeitados¹. Eram admirados e imitados, por isso alguns cristãos possivelmente desejassesem ser mestres mesmo estando desprovidos das qualificações necessárias. O alerta de Tiago aos que almejavam ser mestres por motivos errados os intimidou a fazer um auto-exame. Há pelo menos dois bons motivos para cristãos não qualificados não aspirarem ao ministério de ensino: 1) alguns que almejavam ensinar não possuíam qualidades de caráter (como sinceridade ou um padrão de vida piedoso) nem habilidades (como competência comunicativa) necessárias para ser um mestre; 2) alguns não estavam suficientemente informados para serem mestres; não estavam firmemente fundamentados na doutrina cristã. Os pertencentes à primeira categoria poderiam encontrar outros ministérios na igreja de Cristo que não o de ensino. Deveriam pensar na responsabilidade que acompanha o ensino. A segunda categoria, os que não possuíam conhecimento suficiente, deveria avaliar que a glória alcançada num fútil momento poderia custar almas que logo se desviariam de Cristo.

Quando afirmou que os mestres receberiam maior juízo, Tiago estava dizendo que as consequências das palavras e vidas dos mestres têm longo alcance². Quem ensina a Palavra de Deus está num patamar superior ao de quem deixa as responsabilidades do ensino para os mais qualificados. O que Tiago disse sobre os mestres se assemelha ao que Jesus disse referindo-se a certos escribas: “Estes sofrerão juízo muito mais severo” (Marcos

¹ Joachim Jeremias, *Jerusalem no Tempo de Jesus*. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Edições Paulinas, 1983, pp. 315–32.

² Considerando que profetas e mestres tinham as mesmas responsabilidades, Paulo enfrentou uma situação na igreja de Corinto (1 Coríntios 14:29–33) em que os profetas-mestres falavam sem exercer o devida autocontrole. Hoje, os mestres devem aprender com Tiago que a rivalidade e a competição é destrutiva para a igreja.

12:40). O sentido parece ser que Deus será mais exigente com quem tiver tomado uma decisão precipitada de ensinar do que com quem tiver tido a humildade de adiar essa decisão. No ministério de ensino da igreja não há espaço para o gloriar-se a si mesmo.

Mestres ou professores serão necessários na igreja até que o Senhor volte. Está implícito nas palavras de Tiago que os cristãos que são ensinados têm o direito de esperar instrução por exemplo, assim como por palavras. Tiago estava conscientizando seus leitores da responsabilidade de ser professor, porém, nesse processo, suas palavras suscitam um questionamento: já que o professor receberá “um juízo muito mais severo” (literalmente, “um julgamento maior”), por que alguém iria querer ensinar? Por que o próprio Tiago escolheu ser um mestre? Cada professor deve responder à pergunta por si mesmo, mas apresentamos a seguinte opção: o professor ensina porque a Palavra o estimula a falar, porque ele ama o Senhor e a mensagem do Senhor, porque ele ama o próximo, porque quer usar os dons que Deus lhe deu para a glória de Deus. Cabe ao professor examinar a si mesmo. O que o motiva a querer ser professor? Se ele tem algo a oferecer, apesar de suas fraquezas, é preciso ousar ensinar. Há tempo de silenciar (1:19), mas também há tempo em que é necessário falar.

Versículo 2. A comunicação é o campo de atuação do professor. Por isso, não surpreende Tiago fazer uma breve advertência aos professores e depois lançar uma descrição dos pecados da língua. Ainda assim, o fluxo do pensamento que parte da cautela ao assumir o papel de professor para os malefícios gerais decorrentes do mau uso da língua não parece ser explicado pelo simples fato de os professores falarem. De fato, é provável que Tiago “estivesse cônscio dos problemas práticos dos professores que eram intemperantes e imprudentes no uso da língua e que estavam mais interessados na eloquência das palavras do que na solidez da conduta”³. Ainda assim, independentemente de o leitor ser um professor, é abrupta a mudança repentina de admoestações a professores para o uso imprudente da língua. Nossa questionamento é menos intrigante quando consideramos que, nessa mudança de assunto para exortações

gerais sobre o uso de palavras, Tiago não deixou de lado a ênfase na conduta dos professores. Acima de tudo, ele não deixou de lado a preocupação com a possibilidade de que a competição indevida entre professores surta um efeito adverso na unidade da congregação.

A ideia principal no raciocínio de Tiago é que para todos os crentes – particularmente, para os professores – o que se diz é uma parte tão elemental do caráter que quem controla a própria língua, consequentemente, controla a própria conduta. O argumento é este: quem consegue fazer o que é mais difícil (controlar a língua) certamente conseguirá fazer o que é menos difícil. **Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão**, afirmou Tiago.

Quando falou da responsabilidade de gerenciar as palavras, Tiago ecoou os Provérbios do Antigo Testamento mais do que em qualquer outro trecho de sua carta. Na língua residem infinitos malefícios e infinitos benefícios. Um dos provérbios bíblicos diz: “As palavras do falador ferem como pontas de espada, mas as palavras do sábio podem curar” (Provérbios 12:18; NTLH). Entre os judeus contemporâneos de Tiago, vários textos de sabedoria aconselhavam o uso comedido da língua. *Eclesiástico* (ou *Sirácida*), uma obra de sabedoria do período intertestamentário (ca. 200 a.C.), registra esta oração: “Senhor, meu pai e soberano de minha vida, não me abandoneis ao conselho de meus lábios, e não permitais que eles me façam sucumbir”⁴. Até o historiador judeu Flávio Josefo emitiu uma opinião sobre esse assunto. Ele defendeu que a cabeça da serpente deveria ser esmagada (*Gênesis* 3:15) porque é da cabeça que emana a fala. Foi pela fala que a serpente enganou Eva⁵.

Os sábios nem sempre incentivavam o silêncio, nem a moderação, no uso da língua. Se um sábio se sentar em silêncio e permitir que a injustiça triunfe, ele estará arrando. “Não retenhas uma palavra que pode ser salutar, não escondas tua sabedoria pela tua vaidade. Pois a sabedoria faz-se distinguir pela língua; o bom senso, o saber e a doutrina, pela palavra do sábio.”⁶ O Livro de Provérbios inclui esta observação: “Os ensinamentos das pessoas sábias são uma fonte de vida; eles ajudam a evitar as armadilhas da morte” (Provérbios 13:14; NTLH). Basta dizer que ensinar requer palavras. Tiago não

³George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Darcy Dusilek; Jussara M. P. S. Árias. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 519.

⁴*Eclesiástico* 23:1.

⁵Flávio Josefo, *Antiguidades* 1.1.4.

⁶*Eclesiástico* 4:23.

estava dissuadindo homens capazes e bem qualificados de ensinar. Em vez disso, ele estava emitindo um alerta aos professores. A competição entre eles pode resultar em inveja amargurada e, quando isso acontece, os efeitos nocivos se espalham para o corpo de Cristo em geral.

Versículo 3. Conforme demonstrado ao longo desta carta, Tiago usou figuras de linguagem bem elaboradas. Anteriormente, ele havia dito que quem ora duvidando era “semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento” (1:6). O homem rico deveria considerar que “ele passará como a flor da erva” (1:10). Seguindo essa preferência por figuras de linguagem, ele escreveu: **Ora, se pomos freio na boca dos cavalos...** Esta foi a segunda vez que Tiago colocou o uso das palavras e a figura de um freio na mesma frase (1:26).

Como em qualquer ilustração, o leitor não deve tentar extrair demasiado conteúdo da comparação. Sinceramente, ninguém espera que a língua controle o **corpo** como o freio controla o cavalo. Essa interpretação iria além do que a ilustração propõe. O ponto é que u pequeno freio é capaz de exercer uma poderosa influência sobre um grande animal. Da mesma forma, a língua exerce uma poderosa influência sobre a vida de uma pessoa.

Se atribuirmos à ilustração de Tiago seu valor nominal, ele implicou que as palavras não são só um reflexo do caráter ou dos pensamentos do indivíduo, mas também, uma vez ditas, tendem a moldar a vida interior de quem as proferiu. Anteriormente, Tiago havia dito que os cristãos deveriam ser “tardios para falar e tardios para se irar” (1:19). A sequência falar e depois irar-se é inesperada. A fala precipitada é mais frequentemente considerada produto da raiva do que sua causa, mas às vezes o indivíduo literalmente fala consigo mesmo palavras que o induzem à ira. As palavras podem vir primeiro, e a ira vem em seguida. Da mesma forma, palavras ditas regularmente tornam-se palavras acreditadas, e as palavras acreditadas transformam fantasia em realidade.

De uma forma ou de outra, a habilidade ou a falta de habilidade para controlar a língua surtirá efeitos profundos. A língua não é só produto da vida mental ou espiritual; ela também molda a vida mental e espiritual. Quando o cristão usa uma linguagem grosseira e degradante característica do mundo, isto abre uma via para que o mundanismo penetre nele e na comunidade em que ele está inserido. A língua é a causa de muita desarmonia

e amargura, por meio de fofocas, mentiras, linguagem vulgar ou “inveja amargurada e sentimento faccioso” (3:14). Embora seja um pequeno órgão do corpo, a língua sem a devida moderação pode ser um flagelo para a compostura.

Por uma questão de rigor, há que se observar uma variação textual nas primeiras palavras de 3:3: *εἰ δέ (ei de, “ora, se”)*. A conjunção “se” introduz uma oração condicional geralmente acompanhada da segunda oração para completar o pensamento. O problema é que o autor não complementa essa condicional. Evidentemente, não devemos impor precisão gramatical a nenhum autor, seja ele antigo ou moderno. Cabe aos leitores julgarem Tiago por sua clareza, e não há falta de clareza nessa frase.

É fato que alguns manuscritos antigos contêm o texto mais fácil *ἴδε (ide, “eis”)*. As letras grafadas nos vários manuscritos disponíveis são semelhantes; sendo fácil um copista trocar uma palavra por outra sem má intenção. Quando confrontados com essas variações textuais em manuscritos antigos, os estudiosos concluem que o texto mais difícil é provavelmente o original. O raciocínio consiste em que, ao copiar um manuscrito com um texto difícil, o escriba estaria inconscientemente inclinado a escrever o que fosse mais fácil. Ambos os textos acima têm apoio textual importante, todavia é mais fácil entender como uma letra poderia ser omitida para tornar um texto mais fácil do que como uma letra poderia ser acrescentada para tornar um texto mais difícil. O texto traduzido pela RA parece ser o original, embora a diferença de significado entre as duas traduções seja pequena.

Versículo 4. Tiago retratou o grande efeito de uma coisa pequena sobre outra muito maior empregando três ilustrações: 1) um pequeno freio na boca de um cavalo controla um animal de grande porte (3:3); 2) um **pequeníssimo leme** é capaz de guiar grandes **navios batidos de ríos ventos** (3:4) e 3) uma pequena fagulha, quente e convidativa quando sob controle, também é capaz de inflamar uma enorme quantidade de material combustível, como florestas, a ponto de seu poderoso fogo destruir tudo à vista (3:5). Cada um desses três exemplos ilustra de maneira singular que nada deve ser subestimado por causa de seu pequeno tamanho.

De que maneira a língua governa (ou controla) o corpo (ou a vida) como um freio na boca de um cavalo ou um leme num navio? Talvez a ideia seja que todas as esferas da vida sejam afetadas pela língua. Seus efeitos poderosos permeiam a vida.

Portanto, esse pequeno órgão do corpo determina o caminho da vida de uma pessoa, assim como um freio (ou rédea) determina o rumo de um cavalo ou um leme determina o curso de um navio. Coisas pequenas, ao contrário da grandeza em tamanho ou do esplendor e da fama, podem ser menosprezadas, porém não se pode ignorar seus efeitos. A fala é uma habilidade comum; todo mundo possui uma língua. Falar é tão necessário para a interação humana que é fácil menosprezar os efeitos de longo alcance das palavras. Tão poderosos e penetrantes são os efeitos do dom da fala, disse Tiago, que quem sabe medir as palavras tem controle sobre a própria vida.

As ilustrações que Tiago usou não são menos significativas porque seus contemporâneos ou escritores que viveram séculos antes dele as usavam no trabalho secular. As metáforas e símiles usadas por Tiago eram bastante comuns na literatura do mundo helenístico. Vários autores antigos compararam a língua ou a fala ao poder de um freio ou de um leme. Outros escritores compararam a língua a coisas pequenas em geral. Os autores antigos costumavam usar o freio e o leme como metáforas para a maneira como grandes efeitos podem ser produzidos por todos os tipos de coisas pequenas. O judeu helenista Fílon, por exemplo, escreveu: “O Criador fez o homem para ser como um cocheiro e piloto sobre todos os outros animais, a fim de que ele segure as rédeas e dirija o curso de todas as coisas na terra”⁷. Da mesma forma, o dramaturgo grego Sófocles (quinto século a.C.) fez um de seus personagens dizer: “Sei que cavalos vigorosos são domados com o uso de um pequeno freio”⁸. A língua é uma dentre muitíssimas coisas pequenas que produzem grandes efeitos.

Por meio do controle da língua, argumentou Tiago, pode-se definir o curso na vida. Palavras moldadas pela língua e pronunciadas para a vida podem moldar o pensamento e o caráter de uma pessoa. A língua afeta as relações interpessoais e, por fim, ajuda a determinar o destino da alma.

Versículo 5. Ao introduzir a metáfora do fogo, Tiago chamou a atenção para o poder destrutivo da fala. A destruição não estava implícita nas duas alusões anteriores à língua como freio e leme. Tiago resumiu suas duas primeiras comparações: assim como é um freio na boca de um cavalo, ou

como um leme guiando um navio, assim, também a língua, pequeno órgão, se gaba de grandes coisas. Para completar seu argumento, Tiago recorreu a uma metáfora: **Vede como uma fagulha põe em brasas tão grande selva!** As duas primeiras ilustrações demonstraram a pequenez da língua. O exemplo do fogo chama a atenção para a maneira como as palavras causam destruição instantânea e podem sair do controle causando desordem e ódio contínuos.

Como o fogo, a língua pode infligir muita dor naqueles que recebem o peso de sua ira. Dentre os que aderiram aos padrões éticos e à conduta do mundo, é previsível que muitos sofram em decorrência de palavras lançadas sem pensar ou mal-dosamente. Não deve ser assim entre os cidadãos do reino de Deus. A admoestação de Tiago deve ser levada a sério por todos que têm Jesus como o Cristo.

O potencial destrutivo do falar descuidado é um alerta necessário a todos. No entanto, sobre os que ocupam posições de grande projeção de influência recai uma responsabilidade maior de serem cautelosos com as palavras. No primeiro século, os mestres ocupavam cargos de responsabilidade. O autor não deixara para trás a admoestação feita em 3:1. Se havia entre os leitores mestres espalhando discórdia, causando “guerras e contendas” (4:1), as observações que Tiago fez sobre o poder da língua tinham uma relevância aguda. E hoje não é menor a responsabilidade dos pregadores, presbíteros e professores da igreja.

Bênção e Maldição de uma Só Boca (3:6–12)

Depois de avaliar a pequenez da língua em proporção à grandeza de seu impacto, Tiago inverteu o polo das metáforas. “Fogo” foi só um recurso de transição. Um pequeno fogo pode se transformar em um inferno ardente. Quando isso acontece, os poderes destrutivos do fogo se expandem rapidamente. Assim também é difícil manter a língua em canais úteis sem que ela se expanda para modos destrutivos. O autor usou uma linguagem concisa e poética para exigir que seus leitores não processassem suas palavras com um mero consentimento indiferente. “A língua... é posta em chamas pelo inferno”, escreveu ele. “É mal incontido, carregado de veneno mortífero.” É impossível que “água doce e amarga” jorrem da mesma abertura.

⁷ Fílon de Alexandria, *Da Criação* 29 [88].

⁸ Sófocles, *Antígona* 477–78.

“Ora, a língua é fogo; é mundo de iniquidade; a

língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro, e não só põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno. ⁷Pois toda espécie de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano; ⁸a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar; é mal incontido, carregado de veneno mortífero. ⁹Com ela, bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus. ¹⁰De uma só boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim. ¹¹Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargo? ¹²Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos? Tampouco fonte de água salgada pode dar água doce.

Versículo 6. A sintaxe deste versículo é difícil, ainda que o raciocínio não o seja. As traduções oferecem nuances que refletem as dificuldades de saber exatamente onde Tiago pretendia encaixar a expressão “mundo de iniquidade” (*ὁ κόσμος τῆς ἀδικίας, ho kosmos tēs adikias*). Na versão RA (e na maioria das versões em português), ela é mais um aposto ou predicativo de “língua”. Assim se lê: **a língua é fogo; é mundo de iniquidade.** A versão ACF, porém, oferece uma nuance diferente: “A língua também é um fogo; como mundo de iniquidade, a língua está posta entre os nossos membros”. Uma discussão completa das várias nuances nos levaria longe demais, mas as diferenças semânticas não são grandes.

Quando Tiago afirmou que “a língua é fogo; é mundo de iniquidade”, ele estava dizendo que em todas as maneiras pelas quais as pessoas pecam contra Deus e prejudicam umas às outras, a língua tem uma participação predominante. Não há como evitar as tentações do falar. **A língua está situada entre os membros de nosso corpo, e contamina o corpo inteiro**, escreveu Tiago. É interessante que o verbo grego traduzido por “está situada” está na voz média, um tempo que às vezes tem força reflexiva. Sophie Laws salientou que essas mesmas palavras aparecem em 4:4, na frase “constitui-se inimigo de Deus”⁹. Em 3:6, semelhan-

temente, o sentido é que a língua se constitui entre os membros do corpo como uma força contaminadora. Em 1:27, Tiago descreveu a religião pura como guardar-se “incontaminado” (*ἄσπιλος, aspilos*) do mundo. Neste versículo, ele acrescentou que a língua “contamina” (*σπιλώ, spiloō*) o corpo inteiro. Ela “mancha, macula” toda a vida.

Além disso, Tiago disse que a língua **põe em chamas toda a carreira da existência humana, como também é posta ela mesma em chamas pelo inferno.** A expressão traduzida por “toda a carreira da existência humana” é digna de comentário. As palavras gregas *τὸν τροχὸν τῆς γενέσεως (ton trochon tēs geneseōs)* significam literalmente “a roda da natureza”, ou talvez “a roda do nascimento”. A palavra que significa “natureza”, *γένεσις (genesis)*, é usada para o primeiro livro do Antigo Testamento, Gênesis. Pode significar “princípio”, mas em Mateus 1:18 refere-se ao “nascimento” de Cristo. A palavra equivalente a “roda”, *τροχός (trochos)*, só ocorre neste versículo do Novo Testamento. Tiago talvez tivesse algum conhecimento da linguagem filosófica corrente no mundo de língua grega. Autores órficos e pitagóricos usaram a expressão “roda da natureza” para designar o destino e a reencarnação como os determinantes da vida¹⁰. Certamente muitos comentaristas têm extraído da expressão empregada por Tiago mais conclusões do que as evidências poderiam confirmar. O fato de Tiago usar essa expressão não significa necessariamente que ele era um leitor voraz da literatura clássica grega. Ele pode ter simplesmente emprestado essas palavras do vocabulário comum da linguagem cotidiana, pouco sabendo como a expressão era usada por filósofos sofisticados.

Fora dos Relatos do Evangelho¹¹, Tiago 3:6 é o único texto do Novo Testamento em que a palavra *γέεννα (geena)* é usada para “inferno”, sendo uma transliteração das palavras hebraicas *גַּןְנָם (gey-hinnom)*, que significam “vale de Hinom”. Este era o nome do grande vale ao sul de Jerusalém. Josué se referiu a esse local quando dividiu as terras entre as tribos e prescreveu os limites de Judá (Josué 15:8). O termo reaparece quando Josué registrou o território de Benjamim (Josué 18:16). Quase mil anos depois de Josué, reis de Judá mataram seus filhos e os ofereceram como sacrifícios humanos no

⁹Sophie Laws, *A Commentary on the Epistle of James*, Harper’s New Testament Commentaries. San Francisco: Harper & Row, 1980, p. 149.

¹⁰Dibelius, pp. 196–98.

¹¹Veja Mateus 5:22, 29, 30; 10:28; 18:9; 23:15, 33; Marcos 9:43, 45, 47; Lucas 12:5.

altar chamado Tofete no “vale do filho de Hinom”. No tempo de Jeremias, o bom rei Josias profanou Tofete para que não fosse usado para idolatria (2 Reis 23:10).

Depois que Josias morreu, Tofete voltou ao uso popular. Parte das práticas idólatras consistia em substituir o Deus único e verdadeiro por ídolos, e parte se convergia em sincretismo – isto é, na junção de deuses pagãos com o Deus de Israel. Tudo indica que os israelitas chegaram a pensar que certos ritos pagãos usados para influenciar os deuses também influenciariam o Deus do Sinai. Por exemplo, o sacrifício humano dificilmente era desconhecido entre os deuses de Canaã. Talvez o sacrifício humano convencesse Deus a mandar chuva ou dar vitória numa batalha. No famoso “sermão do templo” de Jeremias, Deus falou através do profeta: “Edificaram os altos de Tofete, que está no vale do filho de Hinom, para queimarem a seus filhos e a suas filhas; o que nunca ordenei, nem me passou pela mente” (Jeremias 7:31).

Depois que os judeus estiveram no cativeiro babilônico de setenta anos, profetizado por Jeremias (Jeremias 25:11), eles foram repatriados por etapas, no fim do sexto século e durante o quinto século a.C. Nesse período de restauração, o “vale de Hinom” recebeu mais uma menção como ponto geográfico (Neemias 11:30), mas nunca mais foi um lugar para sacrifício humano. Tornou-se um lugar desprezado. Dos anos seguintes até os dias de João Batista, o grande vale ao sul da cidade transformou-se num depósito de lixo para Jerusalém. Nele uma chama ardida o tempo todo para eliminar o lixo, e vermes se proliferavam.

Gey-hinnom (“vale de Hinom”), ou *geena*, tornou-se a palavra comum que os judeus usavam metaforicamente para o lugar onde os ímpios iriam passar a eternidade. Foi essa palavra comum que Jesus usou para “inferno”, um lugar onde “não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga” (Marcos 9:48). Tiago provavelmente tinha ouvido Jesus pronunciar essa palavra muitas vezes. O irmão do Senhor parecia estar dizendo que a língua, quando sucumbe aos padrões do mundo, é um mal infernal.

Versículo 7. Depois de descrever a língua em seu potencial destrutivo quando está descontrolada, Tiago retomou mais explicitamente a ideia de controle. O freio e o leme haviam demonstrado o poder da língua para determinar o destino, mas, nesse caso, o controle exercido tinha um valor po-

sitivo. Agora o autor queria ilustrar que os efeitos da língua podem ser maléficos. Ela é um órgão do corpo teimoso que precisa ser controlado. A língua tem o potencial de agir fora dos limites racionais, de ser quase independente da mente. Homens e mulheres exercem algum controle sobre fortes ventos, rios e campos, e sobre animais do mar, da terra e do ar. Paradoxalmente, parecem incapazes de controlar a força destrutiva desse pequeno órgão do corpo.

Como em outros trechos da carta, Tiago cedeu à hipérbole: **Pois toda espécie de feras, de aves, de répteis e de seres marinhos se doma e tem sido domada pelo gênero humano.** Está implícita a pergunta: “Por que, então, a humanidade não pode controlar este pequeno órgão do corpo?” As quatro espécies de animais são apresentadas na mesma ordem em Gênesis 9:2 após o dilúvio: “Pavor e medo de vós”, disse Deus, “virão sobre todos os animais da terra e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar...” Apesar de o homem exercer amplo controle sobre a criação animal (e também sobre a criação material), havia poucos motivos para ele se orgulhar de conquistas e realizações enquanto não conseguisse se controlar a si mesmo. A língua representa, assim, o potencial para o pecado no gênero humano. Era o epítome do que significava rebelião contra Deus.

Versículo 8. A humanidade domesticou o mundo animal, a língua, porém, nenhum dos homens é capaz de domar. Tiago falou da língua como algo quase exterior ao indivíduo, ou talvez como um demônio interior que atormenta o ambiente e, por sua vez, também é atormentado. Tiago e seus leitores, no entanto, sabiam que a língua, ou o uso das palavras, não era o único assunto em questão. Tiago estava usando a língua como um exemplo para todas as formas contraditórias do comportamento humano. James B. Adamson explicou: “A queixa contra a língua, portanto, é sua incoerência traíçoeira – um mal resistente ao comando, a um caráter compatível com obediência disciplinada e retidão”¹². Em forma figurada, Tiago estava acusando o gênero humano na mesma ordem em que Paulo o acusou em Romanos 1:24–32. Paulo apresentou uma extensa lista de pecados, ao passo que

¹² James B. Adamson, *The Epistle of James*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976, p. 144.

Tiago os resumiu dizendo que as pessoas parecem incapazes de controlar o impulso de falar pecaminosamente.

Talvez a comparação anterior da língua com um fogo tenha contribuído para a descrição **mal incontrolado**. A expressão **carregado de veneno mortífero** traz à mente a descrição do salmista dos homens maus. “Aguçam a língua como a serpente; sob os lábios têm veneno de áspide”, disse ele (Salmos 140:3). O que Tiago tinha a dizer sobre as contribuições da língua para a miséria e o pecado do gênero humano se encaixa em uma acusação bíblica mais ampla que remonta a Gênesis 3.

Versículo 9. Se é verdade, como já sugerimos, que o comportamento divisivo de mestres egoístas provocou muitas das admoestações de Tiago, neste ponto ele revelou suas intenções. O autor colocou seus leitores mais uma vez diante de seus pronunciamentos gerais sobre a língua. Assim, somos levados face a face novamente com os mestres citados em 3:1. Bênção e maldição são os subtemas. Com a língua **bendizemos ao Senhor e Pai; também, com ela, amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus**. Os mestres em questão professavam ideais que negavam através de sua conduta. Embora emitissem palavras que aparentemente louvavam o nome de Deus, usavam essas mesmas palavras traíçoeiramente para difamarem uns aos outros. O resultado foi um corpo de cristãos que guerreavam e lutavam uns com os outros (3:14; 4:1), enquanto afirmavam honrar e servir a Deus.

Talvez Tiago tenha usado a expressão “Senhor e Pai” – que nesta combinação só tem esta ocorrência em toda a Bíblia – para lembrar a seus leitores que o Deus soberano que havia escolhido Israel e conquistado Canaã para seus ancestrais também era o Pai que os havia amado e lhes enviado um Salvador. Alternativamente, “Senhor” pode se referir a Jesus. É comum no Novo Testamento, especialmente nos escritos de Paulo, Cristo ser “Senhor” e Deus ser “o Pai”. A versão ARC diz “Deus e Pai”.

Até este ponto, Tiago havia falado em termos gerais do potencial destrutivo da língua, de seus efeitos universais e da dificuldade de controlá-la. Agora ele apresentava uma ilustração específica. Com a língua é possível se fazer o bem. Ninguém pode domá-la (3:8), mas apesar disso, ela pode abençoar. Com atos benevolentes, pode-se bendizer a Deus ou produzir efeitos benéficos a outros.

Mesmo com seu potencial para o bem, a língua é inconstante. Qualquer bem feito pela língua é rapidamente apagado quando se mostra hipocrisia usando esse mesmo instrumento para insultar e caluniar o próximo que foi criado à imagem de Deus.

Aludindo a Gênesis 1:26–28 e 9:6, Tiago denunciou seus leitores originais, afirmando que através do falar estavam mostrando menos respeito por seus irmãos do que Deus havia mostrado por homens e mulheres quando os criou à sua imagem. As implicações da doutrina *Imago Dei*, “à imagem de Deus” (Gênesis 1:27; 9:6), são importantes. Assim como Deus, o gênero humano tem impulsos criativos e faz escolhas, sendo responsável por elas. E tem bom desempenho quando age como um ser criado por Deus, quando demonstra a mesma disposição para dar, a mesma aversão à parcimônia, o mesmo respeito pela humanidade que o próprio Deus mostrou. Os mestres que brigavam entre si e que assim semeavam discórdia nas igrejas, que abençoavam e amaldiçoavam ao mesmo tempo, demonstravam que não estavam cônscios do Criador que tinham em comum.

Amaldiçoar alguém significava mais do que lançar uma palavra de ódio contra o outro. Significava recitar uma maldição na esperança de trazer a ira de Deus sobre a pessoa. Muitos no mundo antigo supunham que as palavras tinham poderes quase mágicos. Uma palavra dita ganhava vida própria com o poder de realizar o que expressava. Alguns dos salmos contêm imprecações. Por exemplo, o Salmo 58:6–8 diz: “Ó Deus, quebra-lhes os dentes na boca... Sejam como a lesma, que passa diluindo-se”. E Salmos 109:8 e 9 declara: “Os seus dias sejam poucos, e tome outro o seu encargo. Fiquem órfãos os seus filhos, e viúva, a sua esposa”. Os salmistas, assim como os mestres em Tiago 3, não levaram em conta que Deus também criou seus rivais à sua própria imagem. O pronunciamento dessas palavras, no que diz respeito aos salmistas, era um passo em direção a executar a maldição. Proferir palavras injuriosas e amaldiçoar o próximo não é um ato sem relevância.

Versículo 10. A mudança da língua para a boca ilustra que nenhuma delas era o alvo final de Tiago. Seu foco era o coração e a mente que moldam as palavras e são moldados pelas palavras. Tiago expressa indignação e perplexidade: **De uma só boca procede bênção e maldição**. Já foi dito que a fala de uma pessoa é “um barômetro de

sua espiritualidade”¹³. Tanto a língua como a boca são metáforas para a mente de uma pessoa ao empregar a fala para fazer coisas benéficas e também prejudiciais.

Tiago queria pôr fim à amargura e à animosidade reinantes nos mestres que haviam tomado partidos e se degladiado para tirar o crédito uns dos outros. Ele resumiu sua admoestação escrevendo: **Meus irmãos, não é conveniente que estas coisas sejam assim.** O autor não se referia aqui às bênçãos; estas deveriam continuar inabaláveis; a maldição é que tinha de cessar. Esta é a única ocorrência no Novo Testamento da palavra χρή (chre, “conveniente”). Ela é um dos vários indicadores de que o autor conhecia o cenário literário do mundo greco-romano¹⁴.

Versículo 11. O autor recorreu a uma fonte de água para ilustrar a incongruência de se emitir palavras que ora são santas, ora são desdenhosas e amargas. Tiago expôs o absurdo da cena em forma de pergunta: **Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargo?** Bênçãos e maldições procederem de uma só boca é tão absurdo quanto supor que uma fonte produza ao mesmo tempo água amarga e salgada e água doce e fresca. A alusão a uma fonte instigava a imaginação dos habitantes do Mediterrâneo oriental mais do que de quem vive em outras partes do mundo. No clima seco da Palestina, como sempre acontecia, uma fonte de água constante era uma fonte de vida.

As fontes entram na narrativa do Antigo Testamento em momentos cruciais. Quando Davi temeu pela própria vida, ele e seus homens encontraram amparo em Engedi, uma fonte e oásis no lado ocidental do mar Morto (1 Samuel 23:29). No vale do Cedrom, a leste de Jerusalém, a fonte de Giom foi o lugar onde Natã, Zadoque e outros oficiais de Davi declararam que Salomão seria o próximo rei (1 Reis

¹³ Douglas J. Moo. *Tiago, Introdução e Comentário*. Série Cultura Bíblica. Trad. Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova & Ed. Mundo Cristão, 1990, p. 127.

¹⁴ Peter H. Davids commented, “Xρή [chre] ocorre sómente aqui no NT, embora apareça na LXX em Provérbios 25:27; equivale a ὀφείλομεν [ofeilomen] ou δεῖ [dei] como em Marcos 13:14; 2 Timóteo 2:24, e revela a aquisição de um conhecimento da terminologia clássica, que rapidamente se tornaria arcaica” (Peter H. Davids, *The Epistle of James: A Commentary on the Greek Text*, The New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, p. 147). Davids referiu-se a A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*. Nashville: Broadman Press, 1934, pp. 124, 319.

1:38, 39). O bom rei Ezequias mais tarde desviou a água da fonte de Giom para o tanque de Siloé em Jerusalém (2 Crônicas 32:30; veja João 9:7). Gideão e seu exército acamparam junto à fonte de Harode, na parte norte da herança da tribo de Manassés (Juízes 7:1). Nem todas as fontes da terra de Canaã produziam água doce e potável. Infelizmente, a referência às fontes não fornece base para limitar os leitores de Tiago a uma área específica do Oriente Próximo. As condições predominantes em Israel se repetiam em toda a região.

Versículo 12. A ilustração de Tiago de árvores frutíferas que produzem frutos segundo a sua espécie marca uma mudança de ênfase da ilustração anterior. O autor recorreu novamente a uma pergunta retórica: **Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos?** A fonte e sua água tinham a ver com o bem e o mal procedentes de uma só origem. Tiago alterou o fruto para que este fosse incompatível com a árvore que o produziu. Nesse caso, o raciocínio se assemelha à declaração de Jesus em Mateus 12:34: “Porque a boca fala do que está cheio o coração”. O fruto da boca reflete o tipo de coração que a controla. Jesus havia dito o seguinte sobre os falsos profetas: “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mateus 7:16). Bendizer a Deus e amaldiçoar o próximo é tão contrário à natureza quanto uma figueira produzir azeitonas ou uma videira produzir figos.

A SABEDORIA DO ALTO (3:13–18)

Se a discórdia entre os mestres nas igrejas enderezadas por Tiago é o pano de fundo de 3:1 a 4:12, a mudança de assunto do uso da língua para a sabedoria do alto é pequena. A sabedoria como força para direcionar a língua para os canais apropriados não era uma ideia nova quando Tiago a apresentou. Provérbios 15:4 dizia: “A língua serra é árvore de vida, mas a perversa quebranta o espírito”. E este outro provérbio acrescentava: “... mas a língua dos sábios é medicina” (Provérbios 12:18).

Assim como fez com outros assuntos (o comportamento dos ricos, obras e fé, a língua), Tiago já havia introduzido o tema sabedoria no capítulo 1. “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria”, disse ele, “peça-a a Deus... e ser-lhe-á concedida” (1:5). E acrescentou: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes” (1:17). O autor baseou-se em suas declarações anteriores sobre sabedoria para rogar que os mestres

exercessem a moderação. Eram eles que podiam levar paz e alegria à vida dos discípulos de Cristo. Nesse processo, Tiago discorreu acerca do tipo de sabedoria que convém aos que já confessaram a Cristo. Assim, o autor começou falando de sabedoria em termos gerais: “Quem entre vocês é sábio e inteligente?” (3:13). Todavia, a admoestação aparentemente equivocada para muitos não almejarem ser mestres (3:1) não foi deixada para trás. Tiago provavelmente escolheu suas palavras em face da discórdia que pressionava a ele e às igrejas. Tudo indica que havia ciúme e inveja da parte dos mestres que queriam estar no controle. A admoestação aos mestres em 3:1 constitui a melhor pista do motivo que levou Tiago a optar pelo tema da sabedoria.

¹³Quem entre vós é sábio e inteligente? Mestre em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras. ¹⁴Se, pelo contrário, tendes em vosso coração inveja amargurada e sentimento fúcio, nem vos glorieis disso, nem mintais contra a verdade. ¹⁵Esta não é a sabedoria que desce lá do alto; antes, é terrena, animal e demoníaca. ¹⁶Pois, onde há inveja e sentimento fúcio, aí há confusão e toda espécie de coisas ruins. ¹⁷A sabedoria, porém, lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento. ¹⁸Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz.

Versículo 13. “A língua... se gaba de grandes coisas”, disse Tiago (3:5). Ele destacou por meio de contraposição que a sabedoria flui em atos de mansidão ou cordialidade. A exemplo de várias ocasiões anteriores, Tiago lançou uma pergunta aos seus leitores: **Quem entre vocês é sábio e inteligente?** Em outras palavras, quem professa ser sábio? Quem supõe que entende o modo de vida cristão? Tiago usou muitas palavras que não aparecem nos demais livros do Novo Testamento. “Inteligente” (*ἐπιστήμων, epistēmōn*) é uma delas. Empregando outra palavra, Paulo lançou um desafio semelhante: “Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século?” (1 Coríntios 1:20).

Os mestres sábios que ocupavam posições de liderança precisavam demonstrar bom senso ao escolher as palavras que profeririam, porém este

não é o ponto central da pergunta. Assim como a fé sem obras é morta (2:26), a sabedoria é morta se não gerenciar as palavras e a disposição do cristão para com os outros. A sabedoria na comunidade cristã não é demonstrada meramente por palavras. O tipo de fé e sabedoria que eram significativos eram demonstrados e sustentados por todo tipo de **condigno proceder**.

Nessa ênfase à sabedoria, Tiago poderia estar simplesmente retomando o tema de 1:5, finalizando tudo o que queria dizer sobre o poder e o potencial destrutivo da fala. O mais provável é que uma sequência intencional de assuntos mantém 3:1-12 e 3:13-18 juntos. Depois de alertar sobre os perigos potenciais aos que não estavam qualificados para ensinar (3:1), Tiago emitiu conselhos práticos para os mestres ou professores mais aptos e talentosos. Quem ensina deve ser “sábio e inteligente”. Como a sabedoria se faz presente? Tiago respondeu que a sabedoria de uma pessoa é inseparável de sua conduta diária. Sabedoria é igual a bondade, porém é um tipo peculiar de bondade. É uma bondade de que mal tem consciência de si mesma. O sábio não faz nenhum esforço para impressionar os outros com sua superioridade. O sábio é bom e também amável.

“Condigno proceder” traduz a palavra ἀναστροφῆ (anastrofē), que na NVI é vertida para “bom procedimento”. Esse vocábulo se refere à “conduta expressa em conformidade com certos princípios”, portanto, todas as escolhas do indivíduo, sua maneira de viver¹⁵. Ocorre treze vezes no Novo Testamento, todas nas epístolas. Três vezes, Paulo o usou para o modo de vida que cada um escolhe para si mesmo. Pedro empregou essa palavra seis vezes em sua primeira carta e duas vezes, na segunda. Ela aparece uma vez em Hebreus e uma vez em Tiago. O modo de agir de uma pessoa pode ser para o bem ou para o mal, por isso Tiago afirmou que um homem sábio demonstra seu “condigno proceder”; mas ele foi mais longe. A bondade no modo de agir evidencia-se em **mansidão de sabedoria** (ἐν πρᾳτητὶ σοφίας, en prauteti sofias). Tiago já havia usado a palavra aqui traduzida por “mansidão” em 1:21, na frase “acolhei, com mansidão, a palavra em voz implantada”. A sabedoria requer esse tipo de predisposição. A “mansidão de

¹⁵ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 73.

sabedoria” está em oposição direta ao “mal incontido” e ao “veneno mortífero”, característicos do uso imoderado da língua (3:8).

O mundo antigo, e o moderno também, tendem a admirar o homem ou a mulher que tem uma resposta rápida, que é inteligente e mantém o controle. Há pouco espaço para a admiração da mansidão ou gentileza. É comum ouvir cristãos declararem que mansidão é poder sob controle. Talvez, mas poder não é a qualidade que Tiago atribui à sabedoria. A mansidão tende a ser não assertiva, prestativa, gentil para com os necessitados e abundante em bondade.

Versículo 14. Tiago contrastou condigno proceder e mansidão, marcadores de uma vida guiada pela sabedoria, com **inveja amargurada e sentimento fúcio**, sinais de uma predisposição para **mentir contra a verdade**. A palavra traduzida por “inveja” (*ζῆλος, zēlos*) pode ter implicações positivas (2 Coríntios 9:2) ou mais comumente negativas (1 Coríntios 3:3), dependendo do objeto do zelo. Peter H. Davids defendeu que “rivalidade” ou “zelo severo” é uma tradução mais exata do que “inveja” em Tiago 3:14, e disse mais:

O problema é que o zelo pode facilmente se deformar em fanatismo cego, disputa amarga ou uma forma disfarçada de rivalidade e, consequentemente, inveja; o indivíduo se vê zeloso da verdade, mas Deus e os outros vêm nele a amargura, a rigidez e o orgulho próprio que estão longe da verdade.¹⁶

Juntamente com “inveja”, Tiago usou o termo “sentimento fúcio” (*ἐριθεία, eritheia*; “sentimento de rivalidade”, NAA). É uma palavra rara na literatura grega, mas ocorre sete vezes no Novo Testamento, empregada somente por Paulo e Tiago. O léxico de Walter Bauer diz que ela aparece em Aristóteles (ca. 350 a.C.), onde “denota uma busca egoísta de cargos políticos por meios injustos”¹⁷. Os estudiosos divergem quanto à conotação exata de *eritheia* no Novo Testamento, mas ela parece ter um significado próximo – talvez até derivado – de *ἔρις* (*eris*, “disputa, discórdia, contenda”). Considerando que Paulo usou essas duas palavras gregas nas mesmas listas de vícios (2 Coríntios 12:20; Gálatas 5:20), é seguro dizer que elas têm alguma diferença semântica (de significado). Ao mesmo tempo, fica claro que seus significados

são próximos.

A ideia da fonte jorrando água doce e amarga (3:11) pode ser vista nos contrastes de 3:13 com 3:14. É incongruente que “inveja amargurada” e “sentimento fúcio” brotem de um coração governado pela “mansidão de sabedoria”. A rivalidade pode encontrar sua fonte em vários lugares dentro da comunidade cristã, mas costuma advir de pessoas engajadas no mesmo empreendimento que competem por seguidores com base no reconhecimento de sua superioridade. Como as cartas do Novo Testamento deixam claro, o ensino, a pregação, a profecia, a admoestação – o que quer que envolvesse a proclamação pública – eram altamente estimados nos círculos cristãos. A competição entre mestres ou profetas se encaixaria na descrição da rivalidade descrita por Tiago.

Desde o início o cristianismo tem sido uma religião ensinada. Os suplicantes iam até Jesus rogando-lhe com a palavra “Mestre” (Mateus 8:19; 12:38; 19:16). Após sua morte e ressurreição, Jesus enviou os discípulos com a missão de ensinar (Mateus 28:20). Os professores (mestres) são necessários para que o reino de Deus prospere, todavia com eles vêm os riscos. Os professores podem desviarse da mensagem cristã e assim deturpar seu propósito. Nesse processo, é provável surgir rivalidades. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando os cristãos presos à lei mosaica se mudaram para igrejas na Galácia atrás de Paulo (Gálatas 1:7; 4:17; 6:12, 13) e quando “superapóstolos” (NAA) tentaram alterar o ensino de Paulo em Corinto (2 Coríntios 11:5). Pedro e João encontraram um rival na pessoa de Simão, o mágico (Atos 8:18–21), e Paulo confrontou Elimas, o confidente de Sérgio Paulo em Chipre (Atos 13:6–8). A competição entre mestres pela atenção de um eleitorado tem uma história longa e complicada.

Tiago pode ter falado abstratamente quando condenou as divisões; mas com toda a probabilidade eram os *didaskaloi* (“mestres”) de 3:1 que eram invejosos e ávidos por superar seus rivais. De acordo com Tiago, esse proceder insulta a “sabedoria do alto” (3:17) e destrói a unidade do corpo. Quaisquer que sejam as alegações que os mestres fúcios possam ter feito, Tiago afirmou que nenhuma sabedoria era acompanhada de inveja amargurada. Abrigar essa predisposição era vangloriar-se e com isto “mentir contra a verdade”. Era buscar o próprio louvor, mesmo em sacrifício da verdade. Tiago exortou seus leitores a serem honestos con-

¹⁶ Davids, p. 151.

¹⁷ Bauer, p. 392.

sigos mesmos, admitirem seus pecados e, se necessário, se corrigirem. Eles precisavam reexaminar a natureza da sabedoria do alto que Cristo exigia de seus servos.

Versículo 15. A fonte da sabedoria, como esclarece o Livro de Provérbios, é Deus. “O temor do SENHOR é o princípio do conhecimento, mas os insensatos desprezam a sabedoria e a disciplina” (Provérbios 1:7; NVI). O comportamento dos mestres que competiam por seguidores dentro da igreja demonstrava que a **sabedoria** deles **não era lá do alto**; provinha de uma fonte totalmente diferente e isso resultou em caos, desunião e amargura entre os crentes.

Existe um tipo de sabedoria, de astúcia, que é inspirada pelo diabo. Os Provérbios demonstram que vozes competem por atrair os ingênuos e simples. Depois que a Senhora Sabedoria preparou sua mesa e enviou seu convite – “Quem é simples, volte-se para aqui” – ela prosseguiu dizendo aos faltos de senso ou conhecimento: “Vinde, comei do meu pão e bebei do vinho que misturei” (Provérbios 9:4, 5). A seguir, outra voz, uma voz de insensatez, entrou em cena. Ela também alegava ser de sabedoria – pelo menos de uma espécie de sabedoria. “Quem é simples, volte-se para aqui”, disse ela. Aos faltos de senso ou conhecimento, a Senhora Sabedoria diz: “As águas roubadas são doces, e o pão comido às ocultas é agradável” (Provérbios 9:16, 17). A sabedoria de Deus não tem lugar no mercado público onde as pretensões de sabedoria lançam suas ofertas. Tiago e a Senhora Sabedoria concordam que, em geral, as pessoas preferem a sabedoria oferecida pelo mundo.

A sabedoria egoísta produz inveja amargurada e conflitos. Esse tipo de sabedoria não vem do alto. É **terrena, animal e demoníaca**. O comportamento inteligente, disfarçado de sabedoria, é demoníaco. Apela aos desejos mais básicos da natureza humana; termina em concessões intoleráveis ao estilo de vida cristão. Cada um desses adjetivos que descrevem as formas alternativas de “sabedoria”, tão populares entre os habitantes do mundo, é multifacetado. O Novo Testamento usa a primeira palavra, ἐπίγειος (*epigeios*, “pertencente à terra”), seis vezes. O que é da terra é temporário e corruptível; está em oposição ao que pertence aos reinos celestiais, onde um modo diferente de existência governa Deus e seu entorno. Nicodemos não entendia nem mesmo as coisas terrenas que Jesus falava (João 3:12). Como ele haveria de entender

as coisas celestiais? Os redimidos têm um corpo terreno nesta vida; na era vindoura, terão um corpo celestial (1 Coríntios 15:40; 2 Coríntios 5:1). Da mesma forma, a sabedoria que o mundo adota tem um resultado totalmente diferente da sabedoria que emana de Deus.

A segunda palavra que Tiago usou, ψυχικός (*psuchikos*), é traduzida por “animal” ou “não espiritual” (NVI) e “não celestial” (KJA). Só ocorre cinco vezes no Novo Testamento. Paulo contrastou o “homem natural” com o “homem espiritual” (1 Coríntios 2:14, 15), e o “corpo natural” com o “corpo espiritual” (1 Coríntios 15:44). É difícil encontrar uma palavra em português com alcance semântico semelhante a *psuchikos*, o que explica a dificuldade de tradução. Seu significado difficilmente pode ser separado do substantivo ψυχή (*psuchē*, “alma” ou “vida”), uma palavra que ocorre dezenas de vezes no Novo Testamento. Considerando que o substantivo *psuchē* pode se referir ao aspecto imortal e vivificante de uma pessoa (Mateus 10:28; Lucas 12:20), o adjetivo *psuchikos* restringe a ênfase aos aspectos não espirituais e materiais da existência terrena.

O terceiro adjetivo usado por Tiago, δαιμονιώδης (*daimoniōdēs*, “demoníaca”), com certeza é o mais interessante, ocorrendo somente neste versículo do Novo Testamento. Embora os demônios apareçam com frequência nos Evangelhos, eles são incomuns em outros textos (veja os comentários sobre 2:19). Assim como o ensino pode ser inspirado por demônios (1 Timóteo 4:1), pode surgir entre os inclinados à matéria um tipo de “sabedoria” inspirada pelos capangas de Satanás. Essa sabedoria é “demoníaca”. Existe a possibilidade de os cristãos confundirem ensinamentos ou sabedoria inspirados por demônios com os que descem do alto. Como a ênfase de Tiago estava mais no procedimento do que em conceitos doutrinários abstratos, a sabedoria foi seu foco. Sabedoria traduzida em comportamento. As divisões que estavam acontecendo nas igrejas para as quais Tiago escreveu tinham origem no diabo.

Versículo 16. Pela segunda vez, Tiago associou **inveja a sentimento faccioso** (veja 3:14). Ele usou as experiências que eles haviam vivido como ênfase. “Olhem ao seu redor”, disse o irmão do Senhor. “A origem de todo tipo de mal está na inveja e no sentimento de rivalidade.” Quando um cristão busca fama ou reconhecimento às custas de outro cristão, a discórdia prevalece. A instabilidade

nas igrejas para as quais Tiago escreveu decorria de uma dieta constante de competição espiritualmente insalubre. Adamson escreveu:

O objetivo do propagador de uma visão partidária, religiosa ou política, não é só juntar adeptos, mas também infectá-los com o maior zelo sectário ou partidário possível – embora esse zelo não seja naturalmente idêntico no adepto e no líder.¹⁸

A “inveja e o sentimento de rivalidade” (NAA) geraram **confusão e toda espécie de coisas ruins**. Quando professores de fora aparecem e procuram conquistar seguidores, eles muitas vezes estão unidos entre si. Seus seguidores costumam admirá-los. A inveja é uma qualidade que normalmente se desenvolve entre membros de um mesmo grupo, não entre os de fora. As coisas ruins que Tiago citou não pareciam ter sido provocadas por agitadores externos. Os problemas que o autor procurou corrigir não eram os mesmos que Paulo enfrentou nas igrejas da Galácia, por exemplo, nem nas igrejas de Corinto ou Filipos. A discórdia que Tiago tentava aniquilar desenvolveu-se no decorrer de um longo período. Os discordantes faziam parte das mesmas igrejas locais; e, por isso, a consequência da discórdia era ainda mais grave. Um provérbio de Israel dizia: “O ímpio, com a boca, destrói o próximo, mas os justos são libertados pelo conhecimento” (Provérbios 11:9; veja Tiago 4:1). Não há sabedoria do alto nesse comportamento. A sabedoria do alto é mansa ou humilde. No versículo seguinte, Tiago expandiu o significado de mansidão.

Versículo 17. Deus dá sabedoria; Tiago já havia deixado isso claro (veja 1:5). Agora, ele acrescentou que **a sabedoria... lá do alto** – a sabedoria que Deus dá – produz mansidão e paz. No entanto, isso não era tudo. Tiago exortou seus leitores a comparar “a sabedoria do alto” com a sabedoria terrena, animal e demoníaca, examinando os frutos que esses dois tipos sabedoria produziam. Ele deixou implícita mais uma pergunta: Os pensamentos, palavras e outros comportamentos de vocês têm gerado conflito ou têm promovido a paz? Caso a primeira alternativa fosse a resposta, deveriam reexaminar o tipo de sabedoria que os estava guiando. Quando o cristão aprende a ser sábio com Deus, quando sua sabedoria é “lá do alto”, ela floresce no tipo de conduta que Tiago citou, a saber, em obras.

Para descrever a sabedoria divina, Tiago usou

uma série de sete adjetivos. **Primeiramente**, disse ele, essa sabedoria é **pura; depois pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento**. A sabedoria que Tiago elogiou estava calcada no conhecimento e na conduta. O resultado da equação sabedoria e bondade era ainda mais impressionante: uma vida agradável, pacífica e satisfatória.

A lista de qualidades que Tiago associou à sabedoria divina é uma dentre várias citadas no Novo Testamento. É interessante comparar a lista de Tiago com o “fruto do Espírito” delineado por Paulo em Gálatas 5:22 e 23 e as “virtudes cristãs” citadas por Pedro em 2 Pedro 1:5–7. Tiago descreveu a sabedoria que vem de Deus, majoritariamente, com uma série de adjetivos. Paulo e Pedro usaram substantivos. Vale a pena traçar essa comparação. Comuns ao “fruto do Espírito” e às “virtudes cristãs” são: a “fidelidade” / “fé” (*πίστις, pistis*), o “domínio próprio” (*ἐγκράτεια, enkratēia*) e o “amor” (*ἀγάπη, agape*). Tiago contém somente um adjetivo equivalente aos substantivos de Paulo: “pacífica” (*εἰρηνική, eirēnikē*) em Tiago 3:17 está relacionada a “paz” (*εἰρήνη, eirēnē*) em Gálatas 5:22. No entanto, o termo “bons frutos” (*καρπῶν ἀγαθῶν, karpon agathōn*) é semelhante a “bondade” (*ἀγαθωσύνη, agathōsunē*) nas respectivas passagens. Tiago contém menos pontos em comum com 2 Pedro 1:5–7. É de grande valia a análise dos adjetivos escolhidos por Tiago para descrever a sabedoria divina.

A sabedoria, disse Tiago, é primeiramente “pura” (*ἄγνος, hagnos*). Este adjetivo é usado oito vezes no Novo Testamento. Em todos os casos, refere-se à pureza moral – não ao tipo de pureza ritualística exigida, por exemplo, do leproso, quando a enfermidade diminuísse (Levítico 14:1–32; Mateus 8:2–4). A palavra aparece nas listas de qualidades piedosas de Paulo em Filipenses 4:8 e Tito 2:5. O desejo de Paulo para Timóteo era que ele se mantivesse puro (1 Timóteo 5:22), e Pedro orientou as esposas a viverem puramente (1 Pedro 3:2). A passagem mais relevante consta em 1 João: “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 João 3:3). A sabedoria inspirada por Deus se apega inteiramente àquilo que visa à glória de Deus. “Pura” é um termo abrangente para tudo o que significa santidade e piedade. No sentido negativo, a sabedoria não mergulha no pecado.

Ao contrário da forma como o autor esperava que seus leitores se tratassesem mutuamente, eles se-

¹⁸ Adamson, p. 153.

guiram os caminhos da sabedoria mundana competindo por glória para si mesmos (3:13, 14). Os princípios que Tiago estabeleceu eram aplicáveis a todos os crentes, mas os professores ou mestres em particular eram o alvo principal. “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres” (3:1) acaba não sendo um comentário diferenciado e vagamente relacionado ao mau uso da fala. Segundo o percurso da sabedoria celestial, Tiago exortou seus leitores a terem uma predisposição “pacífica”, “indulgente” (“amável”; NVI) e “tratável” (“compreensiva”; NVI). O autor parecia querer abordar mais do que a forma como as pessoas se expressam. Adamson disse: “A verdadeira sabedoria não é controversa, mas conciliadora, exemplificando o espírito e ensino de Cristo, que era a própria antítese do egocentrismo severo”¹⁹.

Tiago conseguiu inserir alguns substantivos em sua lista de adjetivos. A sabedoria de Deus também é “plena de misericórdia” e “de bons frutos”. As traduções da próxima palavra, ἀδιάκριτος (*adiakritos*), diferem. Ela só tem esta ocorrência no Novo Testamento, sendo traduzida por: “imparcial” (RA; NVI; KJA), “sem parcialidade” (ACF; ARIB; RC), “não trata os outros pela sua aparência” (NTLH), “não mostra favoritismo” (NVT). A versão inglesa NASB entende que o sentido tem a ver com o contrário de “ânimo dobre”, constante. A última palavra da lista é antiga e bem conhecida. A saberdoria é “sem fingimento” ou “sem hipocrisia” (NAA) ou simplesmente “sincera” (NVI).

Versículo 18. Tiago reservou uma manifestação de sabedoria para ênfase especial. Pode-se avaliar o grau em que a sabedoria do alto reina na vida do cristão observando a **paz** que ela produz dentro dele e entre ele e seus semelhantes. Ocorre uma luta por conta da sabedoria inteligente cultivada pelo homem natural; a paz é o resultado da sabedoria divina. A versão inglesa REB traduz assim 3:18: “A paz é o solo da justiça em que os pacificadores ceifarão sua colheita”. Essa tradução é livre, mas expressa bem a ideia.

O uso da palavra **fruto** (*καρπός*, *karpos*) aqui significa o produto da sabedoria. Embora a maioria das palavras específicas que Tiago escolheu em 3:17 sejam diferentes das usadas por Paulo em Gálatas 5:22 e 23, os conceitos são semelhantes aos do “fruto do Espírito”. Tiago não mencionou a obra do Espírito Santo na vida dos cristãos, mas

pode ser que a sabedoria divina em Tiago seja essencialmente igual ao Espírito Santo. A “sabedoria do alto” (3:17) pode ser o mesmo que o Espírito Santo do alto²⁰. Independentemente de serem equivalentes, tanto a sabedoria divinamente dada quanto o Espírito Santo são poderes capacitadores que operam no cristão. Eles alavancam os impulsos mais nobres de um cristão para produzir o fruto da **justiça**.

Tiago já tinha dito que “a sabedoria do alto” era “pacífica” e “plena de... bons frutos”. Justiça parece ser uma somatória da sabedoria do alto. Isso significa que as qualidades em 3:17 juntas são ingredientes da justiça. Nesse caso, o **que se semeia** em 3:18 é “a sabedoria do alto” em 3:17. O cristão que permite que a paz de Cristo habite dentro dele apresenta um modo de agir justo e piedoso. A paz é tanto a semente da justiça quanto seu produto. Não é de admirar que os discípulos de Cristo tenham anunciado universalmente o “Príncipe da Paz” e o “evangelho da paz”. Com base no Salmo 37:35–37, o *Livro Anglicano de Oração Comum* diz:

Eu mesmo vi o ímpio em grande poder: e florescendo como um louro verde.
Passei, e eis que ele se foi: eu o procurei, mas seu lugar não podia ser encontrado.
Mantenha a inocência e cuide do que é certo, pois isso trará paz ao homem no final.²¹

Pode-se entender a locução **os que promovem a paz** (*τοῖς ποιοῦσιν εἰρήνην*, *tois poiousin eirenen*) como um dativo de vantagem: “O fruto da justiça é semeado em paz *para* os que promovem a paz”. Outra opção é um dativo de instrumento: “O fruto da justiça é semeado em paz *pelos* que promovem a paz”. O dativo de vantagem é atraente; as recompensas da paz são “*para* os que promovem a paz”. O sentido seria que o Cristo reinante concede a paz como recompensa para a pessoa pacífica. Dentro de certos limites, a tradução sempre envolve interpretação. Se os tradutores entenderam a passagem corretamente, Tiago estava afirmando que pessoas de paz espalham os efeitos benéficos dessa virtude àqueles cujas vidas eles tocam.

²⁰ J. A. Kirk, “The Meaning of Wisdom in James: Examination of a Hypothesis”, *New Testament Studies* 16, no. 1 (outubro de 1969), pp. 24–38.

²¹ Citação extraída de *The Oxford University Press Dictionary of Quotations*, 2a. ed. Nova York: Crescent Books, 1985, p. 394.